

WERNER THOMAS • EDDY STOLS •  
IRIS KANTOR • JÚNIA FURTADO (ORGS.)

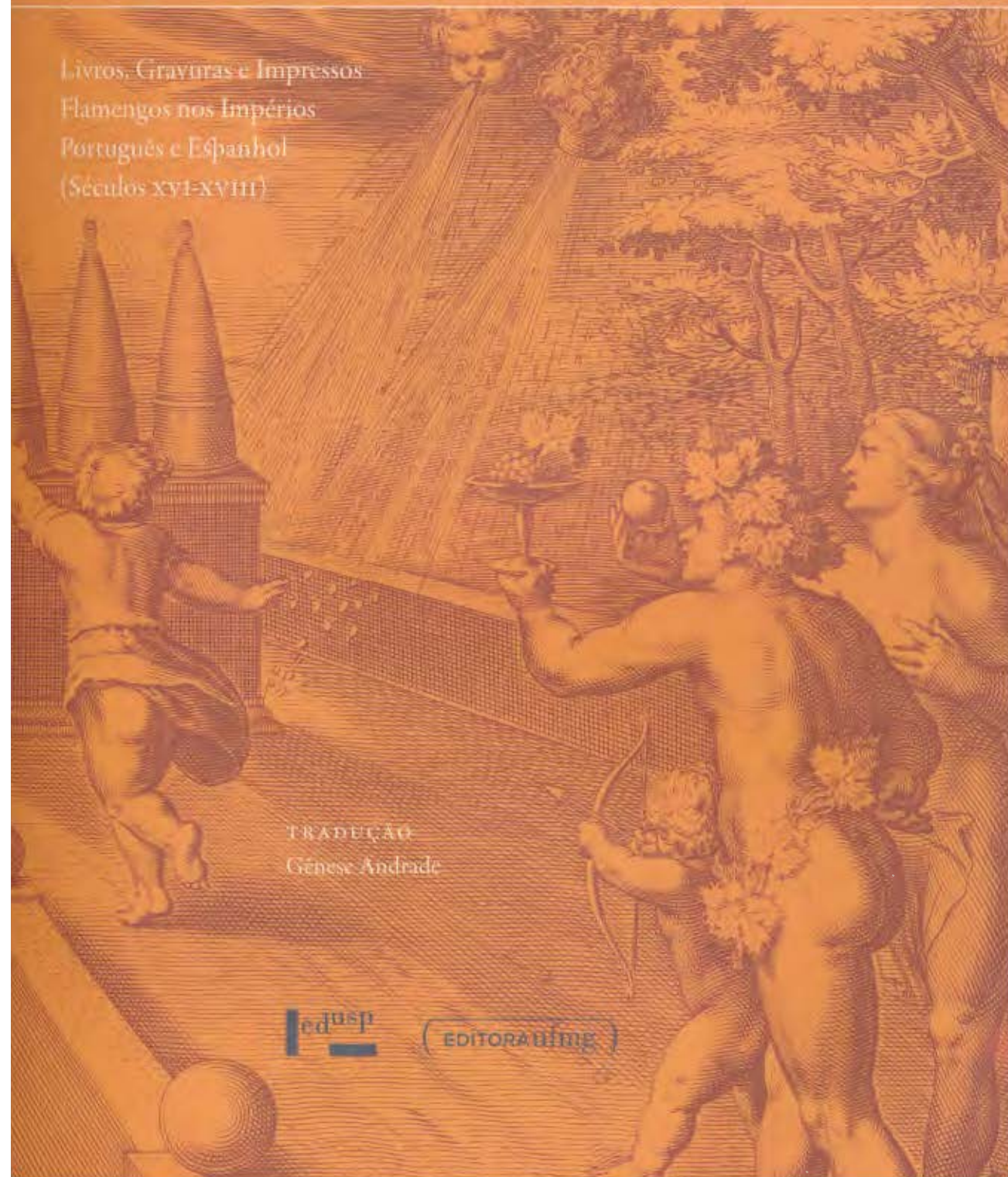
# UM MUNDO SOBRE PAPEL

Livros, Gravuras e Impressos  
Flamengos nos Impérios  
Português e Espanhol  
(Séculos XVI-XVIII)

TRADUÇÃO  
Gênese Andrade

edusp

( EDITORA UFMG )



# SUMÁRIO ¶

9 Introdução à Edição Brasileira  
*Júnia Ferreira Furtado & Iris Kantor*

15 Introdução à Edição Belga  
*Francine de Nave, Eddy Stols & Werner Thomas*

## TIPOGRAFIAS & AS ARTES DA GRAVAÇÃO NOS SÉCULOS XVI-XVIII

31 Antuérpia como Centro Tipográfico do Mundo Ibérico (Séculos XVI-XVIII)  
*Francine de Nave*

57 Livros, Gravuras e Mapas Flamengos nas Rotas Portuguesas da  
Primeira Mundialização  
*Eddy Stols*

101 Os Impressores dos Países Baixos Meridionais na Espanha e  
na América Hispânica  
*Werner Thomas*

125 A Tipografia da Oficina Plantiniana: Impacto e Transcendência  
nas Tipografias Hispano-americanas  
*Marina Garone Gravier*

## COMERCIALIZAÇÃO & CIRCULAÇÃO DOS LIVROS

151 Para a História dos Livreiros e Impressores em Portugal: Notas a  
Propósito da Oficina de Plantin  
*Diogo Ramada Curto*

175 As Edições Espanholas da Oficina Plantiniana: Sua Comercialização  
na Espanha e na América Hispânica nos Séculos XVII e XVIII  
*Dirk Imhof*

197 Em Antuérpia: Os Verdussen e a Comercialização de seus Livros no  
Mundo Ibérico e Ibero-americano  
*Stijn van Rossem*

215 Livros de Flandres na Nova Espanha  
*Enrique González González*

235 *Amici Librorum*: Impressos de Flandres nas Canárias  
*Manuel de Paz*

- 253 Os Livros dos Países Baixos Meridionais no Peru  
*Carmen Salazar-Soler*
- 273 A Circulação de Impressos Procedentes dos Países Baixos Meridionais na China nos Séculos XVII e XVIII  
*Noël Golvers*

COLECCIONISMO & CONHECIMENTO

- 303 O Novo Mundo nos Impressos Flamengos do Século XVI  
*Renate Pieper*
- 315 Os Tratados de Artilharia, Guerra e Fortificação Produzidos nos Países Baixos Meridionais: A Difusão no Mundo Ibérico e Ibero-Americano  
*Piet Lombaerde*
- 339 Os Oficiais e os Livros Flamengos na Monarquia Hispânica durante o Período da Ilustração  
*Thomas Glesener*
- 351 Coleccionismo e Gosto: A Aquisição de Livros e Gravuras nos Países Baixos Meridionais para a Livraria Real de Lisboa  
*Júnia Ferreira Furtado*
- 367 Cimélios Flamengos que Atravessaram o Mar: Uma Página Ilustrada da Real Biblioteca Portuguesa na Biblioteca Nacional Brasileira  
*Ana Virginia Pinheiro*

RECEPÇÃO & APROPRIAÇÃO CULTURAL

- 385 Babel no Século XVI: A Mundialização e Globalização das Línguas  
*Serge Gruzinski*
- 401 O Rio da Prata e os Países Baixos: A Mitologia dos Confins à Luz da Propaganda Política  
*Carmen Bernard*
- 417 A Influência da Gravura Flamenga na Nova Espanha  
*Pablo Escalante Gonzalbo & Martín Olmedo Muñoz*
- 439 Impressos Flamengos nas Academias Coloniais: Leitores de Ortelius e Justus Lipsius na América Portuguesa  
*Iris Kantor*
- 447 A Curiosa História dos Tatus: Um Improvável Símbolo Renascentista do Novo Mundo  
*Dante Martins Teixeira*

- 475 Os Missais de Plantin e Outras Reminiscências Flamengas  
no Barroco Mineiro  
*Alex Bohrer*
- 495 Circulação e Usos em Minas Gerais de Gravuras Religiosas  
da Oficina Plantiniana  
*Camila Fernanda Guimarães Santiago*
- 513 Abreviaturas
- 515 Bibliografia
- 567 Autores
- 573 Índice Onomástico

## INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA ¶

*Júnia Ferreira Furtado & Iris Kantor*

Em 2009, foi organizada pelo Museu Plantin-Moretus (Antuérpia-Bélgica) a exposição *No Rastro de Colombo. Livros e Estampas de Antuérpia no Mundo Inteiro*. Seu objetivo foi o de explorar as conexões estabelecidas entre a produção de impressos flamengos e o restante do mundo na era moderna, principalmente as encetadas com as duas monarquias ibéricas, cujos territórios, por essa época, expandiam-se pelas quatro partes do mundo.

O Museu Plantin-Moretus, que em 2005 foi elevado pela Unesco à condição de Patrimônio Cultural da Humanidade, abriga o acervo imóvel, tipográfico, editorial e contábil da antiga Casa de Edição Plantin-Moretus. Joia rara, o museu permite uma viagem ao mundo da impressão tipográfica entre os séculos XVI e XIX, por ser “um exemplo único e totalmente equipado de uma oficina de impressão preservada como era no Antigo Regime”<sup>1</sup>. No interior do bem conservado imóvel, situado na rua Vrijdagmark, onde desde o século XVI funcionou a casa editorial, o acervo inclui as oficinas originais, uma fundição para fabricação de tipos móveis, as máquinas de impressão, os tipos – com exemplares em cerca de onze idiomas diferentes, como grego, siríaco ou hebreu –, as matrizes, em madeira e cobre, de estampas, além de extensa coleção dos impressos publicados e todo o arquivo interno, que inclui, entre outros, livros de contabilidade e correspondência.

A Casa de Edição Plantin-Moretus foi fundada, em 1555, na cidade de Antuérpia, pelo francês emigrado Christophe Plantin (1520-1589). O início das atividades ocorreu no contexto da difusão da tipografia por tipos móveis na Europa, após sua invenção por Gutenberg, na primeira metade do decênio de 1450<sup>2</sup>. Sua importância no mundo editorial pode ser exemplificada pelo fato de, nos 34 anos seguintes à sua fundação, a Oficina Plantiniana, como foi originalmente denominada, ter

atingido “uma média de 72 publicações por ano, um número expressivo mesmo hoje em dia”<sup>3</sup>. O sucessor de Plantin foi seu genro Jan I Moretus (1589-1610), que adicionou seu sobrenome à editora. A empresa permaneceu nas mãos da família até a data de seu fechamento, em 1876, quando então o espólio foi vendido à cidade da Antuérpia e, posteriormente, transformado em museu.

O lema da Casa, *Labore et Constantia*, e sua marca tipográfica, em cujo centro uma mão risca um compasso, apontam para o compromisso da Plantin-Moretus com a excelência tipográfica e editorial, que se estendeu por quatro séculos. A produção da casa era diversa, abrangendo livros, missais, catecismos, partituras musicais, mapas, decretos, panfletos e estampas gravadas a partir de placas de cobre.

O primeiro grande empreendimento tipográfico da Oficina Plantiniana foi a *Bíblia Poliglota*, que lhe proporcionou grande visibilidade no mercado editorial. O projeto se estendeu por cinco anos e foi patrocinado por Filipe II de Espanha, que enviou o teólogo Benito Arias Montano para auxiliar Plantin e sua equipe na gigantesca tarefa. Os oito volumes in-fólio, sendo que o último veio à luz em 1573, continham versões do texto bíblico em latim, grego, hebreu, caldeu e siríaco. A excelência do empreendimento fez a fama da tipografia no que concerne à diversidade das línguas em que era capaz de imprimir suas obras. Esta capacidade revela-se na diversidade de idiomas e dos tipos móveis ali produzidos, que ainda se conservam no Museu atraindo autores de diferentes nacionalidades.

A casa também se destacou pela importância dada à produção das imagens, como na famosa publicação ilustrada *La magnifique et somptueuse Pompe Funèbre de Charles v*, de 1559. Estampas avulsas também foram fartamente publicadas e comercializadas, entre as quais se destacam as gravadas por Rubens, que, entre 1613 e 1637, trabalhou como ilustrador para Moretus. Produzidas com técnica apurada, em um total de 650 exemplares realizados pela Plantin-Moretus, a circulação dessas gravuras contribuiu para a difusão de diversos estilos de imagens para muito além dos Países Baixos meridionais – como então se denominava a Bélgica. A Plantin-Moretus também desempenhou importante papel na difusão do humanismo científico. Plantin trouxe para trabalhar com ele o famoso Justus Lipsius (1547-1606), que possuía um gabinete de trabalho na casa, ainda existente. Ali, este publicou suas obras e supervisionou a produção de outras tantas. No campo da botânica, destaca-se o *Rariorum plantarum historia* (1601), do naturalista Charles de L'Écluse ou Clusius, importante divulgador da flora e da fauna americanas, que também publicou na Plantin as traduções dos livros de Nicolás Monardes e Garcia de Orta, ambos de 1574. Em medicina, merece destaque o livro de Vesalius, *Vivae imagines partium corporis humani*, de 1566, que, com ricas ilustrações, apresentava os conhecimentos mais recentes sobre a anatomia humana. No âmbito da geografia, o *Theatrum Orbis Terrarum* (1579), de Ortelius, e o Mapa da Europa de 1572, de Mercator.

A edição da *Bíblia Poliglota* marcou a associação da Oficina Plantiniana com a coroa espanhola. Como resultado dessa colaboração, em 1571, foi outorgado a Plantin por Filipe II o privilégio do monopólio sobre a venda no império espanhol de certas obras litúrgicas, como breviários e missais, que se tornaram outra grande especiali-

dade da casa. No contexto da União Ibérica (1580-1640), esse privilégio estendeu-se a Portugal e suas colônias, inclusive o Brasil. A partir de então, a Plantin-Moretus esteve permanentemente em contato com o mundo luso-espanhol, não só porque nessa tipografia foram publicadas muitas obras de autores oriundos dos territórios sob domínio das monarquias ibéricas, muitas delas inclusive se beneficiando do mecenato régio, mas também porque os impressos produzidos na casa encontraram ampla circulação no mundo ibérico. Por um lado, essas publicações refletiam o conhecimento que era produzido nos impérios luso-espanhóis, especialmente sobre os novos mundos recém-descobertos sob suas bandeiras, e, por outro, contribuía para a difusão de novos saberes, gostos e estilos.

É exatamente a circulação e o intercâmbio da Casa Plantin-Moretus nos diferentes domínios e áreas de influência dos impérios ibéricos que este livro busca explorar. A primeira edição desta obra foi publicada em flamengo e em espanhol, com o título *Un Mundo sobre Papel: Libros y Grabados Flamencos en el Imperio Hispanoportugués (Siglos XVI-XVIII)* (Lovaina, Acco, 2009). Resultou da já mencionada exposição *No Rastro de Colombo*, organizada pelos professores Werner Thomas e Eddy Stols. Agora, com a colaboração da Editora da Universidade de São Paulo e da Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, decidiu-se pela publicação de uma edição brasileira. Este é um dos produtos oriundos do intercâmbio que, desde 2010, estabeleceu-se para a realização da exposição *Plantin & Craesbeeck: Um Mundo sobre o Papel*, que acontecerá em São Paulo e Belo Horizonte, com o apoio do Consulado Belga de São Paulo.

No entanto, esta versão brasileira, intitulada *Um Mundo sobre Papel: Livros, Gravuras e Impressos Flamengos nos Impérios Português e Espanhol (Séculos XVI-XVIII)*, não é uma simples tradução da edição original. Aqui, os textos foram rearranjados em quatro partes: “Tipografias & as Artes da Gravação nos Séculos XVI-XVIII”, “Comercialização & Circulação dos Livros”, “Colecionismo & Conhecimento”, e “Recepção & Apropriação Cultural”. Com o intuito de contribuir para a investigação das conexões estabelecidas no circuito dos impressos entre o mundo flamengo e a América portuguesa, a edição brasileira vem acrescida de três novos estudos dedicados ao papel dos órgãos de censura, à história natural e às artes plásticas<sup>4</sup>.

Lendo a contrapelo a documentação inquisitorial, fiscal e alfandegária, DIOGO RAMADA CURTO reconstitui os enredos individuais e coletivos que evidenciam práticas cortesãs de transmissão da cultura intelectual ao longo dos séculos XVI e XVII. Em “Para a História dos Livreiros e Impressores em Portugal”, o historiador discute as teses clássicas e contemporâneas sobre o problema das relações culturais entre Portugal e a Europa, descartando ambas. Em seu lugar, propõe-nos um retrato pormenorizado das hierarquias sociais no interior do mundo dos impressores, livreiros e encadernadores que atuavam no mercado lisboeta. Também redimensiona o peso dos monopólios e privilégios típicos do Antigo Regime, para só depois analisar o repertório de obras publicadas pelas editoras Plantin e Craesbeeck. Através das malhas finas do Santo Ofício de Lisboa, refaz os itinerários das gentes do

livro, passando por Lyon, Barcelona, Saragoça, Valença, Granada, Sevilha e Lisboa, entre tantos outros circuitos existentes. Trata-se de um artigo seminal no que toca não apenas à metodologia de análise, mas também pela sugestão de novos temas e linhas de pesquisa. As relações entre a casa Plantin e um dos maiores opositores de Filipe II são apenas um dos muitos temas ainda pouco conhecidos e que agora poderão ser melhor investigados.

Nesta edição também foram incluídos outros dois artigos que tratam do impacto visual da difusão dos livros e imagens gravadas na história da zoologia e nas artes plásticas. Em “A Curiosa História dos Tatus”, DANTE MARTINS TEIXEIRA identifica as primeiras descrições e representações iconográficas publicadas na Europa dos tatus (*Cingulata, Dasypodidae*) e reconstitui criteriosamente o desafio que significou descrever, desenhar e classificar um animal que não constava nem dos livros de história natural da Antiguidade clássica nem dos bestiários medievais. Sua incursão pelas obras editadas nos primeiros dois séculos de expansão europeia traz à tona as hipóteses “científicas” que povoaram o imaginário dos autores coevos. O artigo apresenta dados importantes para a análise dos modelos de circulação dos conhecimentos no mundo moderno. Os tatus tornaram-se itens valorizados nos gabinetes de curiosidade, sendo seus cascos e imagens gravadas altamente valorizados no circuito de colecionadores de raridades exóticas. O autor mobiliza diferentes suportes materiais, entre os quais mapas, pinturas, esculturas e ornamentos, para evidenciar a ampla difusão deste mamífero que, em diversas Alegorias dos Quatro Continentes, esteve diretamente associado ao Novo Mundo. O estudo persegue as sucessivas transfigurações das imagens dos tatus em toda sua variabilidade e diversidade.

CAMILA FERNANDA GUIMARÃES SANTIAGO, em “Circulação e Usos em Minas Gerais de Gravuras Religiosas da Tipografia Plantiniana”, analisa o impacto exercido pelas gravuras produzidas na casa sobre as pinturas elaboradas no século XVIII na capitania de Minas Gerais. Ali, sob o signo do barroco, uma fulgurante produção pictórica adornou diversos espaços no interior das igrejas, como forros e altares. As gravuras da Plantin, circulando de forma avulsa ou inseridas em misais, foram intensamente vendidas no comércio internacional e alvo de diversas apropriações. Partindo das conexões estabelecidas entre a casa e as coroas luso-espanholas, a autora discute como as gravuras que ilustravam seus livros circulavam pelos espaços sob o domínio das duas últimas, especialmente no que diz respeito ao Novo Mundo, e como elas foram tomadas como modelos por pintores locais. Para verticalizar as formas de circulação, apropriação e recriação desses modelos, o artigo aborda a produção de pintores atuantes em Minas Gerais, apontando que não se tratava de simples cópias, pois a originalidade marcava as escolhas estéticas de cada artista.

Vivemos um momento particularmente propício para refletirmos sobre o significado da revolução cognitiva decorrente do maior acesso ao mundo dos livros e de imagens gravadas nos séculos passados. Guardadas as devidas diferenças de escala e mídia, a disponibilização das obras raras em formato digital na internet terá, nos